

**O “envolvimento conversacional” no momento  
de desenvolvimento de interações verbais na rádio:  
sequências de actos ilocutórios e “estratégias de alinhamento”  
em programas de rádio específicos**

Carla Aurélia de Almeida

Departamento de Língua e Cultura Portuguesas da Universidade Aberta

### 1. Introdução

Tendo por base um *corpus*<sup>1</sup> constituído por interações verbais presentes em cinco programas de rádio portugueses, procuramos, por um lado, elaborar uma descrição-explicação das dimensões centrais da estruturação dos discursos, isto é, proceder, na linha de Joaquim Fonseca (1992), ao “(...) recorte do *rumo discursivo* (ou discursivização)” (*Idem*: 316) e, por outro lado, realizar uma descrição dos processos de construção do sentido realizados pelos participantes destes programas que partilham um espaço, um tempo e “um foco de atenção” (Goffman, 1987: 81) comuns.

Procederemos assim ao levantamento dos padrões de organização sequencial no momento estrutural de *desenvolvimento* da interação: a nível local, analisaremos a selecção, operada pelos participantes, das *estratégias comunicativas* (Gumperz, 1982) específicas do discurso *institucional* de rádio e, a nível global ou macroestrutural, estudaremos a coerência pragmático-funcional do discurso que diz respeito fundamentalmente às dimensões sequenciais dos actos ilocutórios (Fonseca, 1992: 269).

A descrição da *construção do sentido* empreendida no *desenvolvimento*, momento central da interação (Fonseca, 1992), permitir-nos-á o levantamento das estratégias discursivas mais relevantes no discurso radiofónico interactivo: a unidade conversacional prototípica (Rodrigues, 1998: 127), constituída pelo par pergunta-resposta – unidade “sequencialmente implicativa” (Schegloff, 1972) – que, nas interações na rádio, permite o progredir do “fluxo temático” da conversação (Traverso, 1996) e as “estratégias de alinhamento”.

Demonstraremos que o *espaço interaccional* (Gumperz, 1989: 9), construído nas conversas telefónicas em emissões de rádio específicas, determina um estilo informal, familiar, coloquial, predominando *normas de interação* e *de interpretação* (Hymes, 1972: 63-64) dominadas por dispositivos conversacionais que denotam um forte “envolvimento conversacional” (Tannen, 2001: 157; Gumperz, 1982: 2-3) e que revelam a emoção nas interações aí presentes: referimo-nos aos fenómenos linguísticos

---

<sup>1</sup> O corpus, recolhido e informatizado por nós, reúne participações de 479 “ouvintes” (Almeida, 2005).

de sobreposição da fala, as hesitações, as repetições, as interrupções da vez de elocução e a actividade de colaborar na construção conjunta dos sentidos dados aos enunciados e, de um modo geral, todos os mecanismos de manutenção, cedência e de auto-selecção da vez de elocução (Tannen, 2001: 157).

A análise da *coerência pragmático-funcional* do discurso (van Dijk, 1980) no momento do *desenvolvimento* permite ainda o levantamento dos actos ilocutórios de “natureza sequencial” (Fonseca, 1992: 299): explicações, justificações, rectificações, ilustrações, exemplificações e generalizações.

A consideração das dimensões sequenciais e interactivas dos actos de discurso e das estratégias discursivas que eles configuram permitir-nos-á estudar o *alinhamento* (“footing”, Goffman, 1981<sup>2</sup>) dos participantes em interacções verbais na rádio, tendo em conta o tópico ou assunto das emissões de rádio e o jogo de “recíproca influência” (“ordem interaccional”, segundo Goffman, 1987) instituído nos programas de rádio estudados.

## 2. O “envolvimento conversacional” no *desenvolvimento* de interacções verbais na rádio: sequências de actos ilocutórios e “estratégias de alinhamento”

Segundo Joaquim Fonseca (1994), as “estratégias de alinhamento” constituem técnicas que englobam múltiplas formas de recompor interrupções, incompreensões, desorganizações de vária ordem surgidas no decurso das interacções. Estes fenómenos discursivos revelam as emoções na interacção (Plantin *et al.*, 2000) e denotam um forte “envolvimento conversacional” (Tannen, 1989: 11; Gumperz, 1982: 2-3) dos participantes nas trocas discursivas.

Segundo Deborah Tannen, a noção de “envolvimento conversacional” enfatiza a natureza interactiva da interacção conversacional e tem por base a perspectiva teórica de que a conversação é uma “produção conjunta” (“a joint production”), pondo a tónica no papel activo do alocutário que interpreta e dá forma ao discurso do locutor, isto é, o alocutário como um co-locutor e realça a co-construção do discurso realizada pelos participantes na interacção (*Idem*: 13).

No quadro interaccional constituído pelos intervenientes das conversas na rádio, verificamos que, nestes contextos interactivos e interlocutivos, os participantes accionam um sistema de práticas, de convenções sociais e de regras de procedimento discursivo que organizam o *fluxo temático* das interacções.

Tendo em conta os três critérios referidos por C. Kerbrat-Orecchioni (1998: 216) para delimitar uma interacção – “esquema participativo”, a “unidade de tempo e de lugar” e o “critério temático”, verificaremos que este último tem de ser perspectivado de uma forma flexível, porque está sujeito a uma modificação constante, não raro exigindo da parte do locutor de rádio, como gestor das trocas interaccionais (Hutchby, 1996), um trabalho de estabelecimento e manutenção da coerência interdiscursiva através da

<sup>2</sup> Goffman fala de “(...) interaccional ‘footing’ (...)”, isto é, “(...) the alignments we take up to ourselves and the other present as expressed in the way we manage the production or reception of an utterance” (Goffman, 1981: 128).

realização de “estratégias de alinhamento” que possibilitam a retoma de uma intervenção interrompida e a manutenção do *fluxo de progressão temática* (Traverso, 1996), reorientando os rumos discursivos, evitando as digressões temáticas e mantendo a *coerência temática* (Bange, 1989: 310).

Os temas das interações de programas de rádio em análise (“Clube da Madrugada”, “Tempo de Antena”, “Boa Noite”, Estação de Serviço”, “Bancada Central”) permitem o estabelecimento de diversos “quadros interpretativos” (Goffman, 1974) que podem dizer respeito ora a quadros sérios, de cariz mais informativo, ora lúdicos e técnicos. Nos primeiros destacam-se os temas da actualidade, os próprios temas familiares e alguns temas escolhidos pelos ouvintes; nos segundos, destacam-se os temas do quotidiano e mesmo alguns temas familiares; nos últimos, enquadram-se algumas emissões relativas a temas da actualidade. Estes “quadros interpretativos” não são monolíticos, destacando-se a ocorrência de vários destes quadros numa única emissão subordinada a um tema geral. Não raro, nas emissões radiofónicas, constituídas por conversas nocturnas, os participantes, nas diversas fases da interacção, estabelecem uma comunicação que realiza a chamada “comunhão fática”, de tom mais humorístico, e que faz parte do que se chamou de “small talk” (Coupland, 2000). Cada uma destas variações no tom que se imprime à conversa traduz uma mudança no “alinhamento” (“footing”, de acordo com E. Goffman, 1981) que os interlocutores assumem em relação ao seu próprio discurso ou em relação ao discurso do Outro, constringendo à modificação na produção e interpretação dos enunciados (*Idem*).

Deste modo, esta noção de “alinhamento” é perspectivada, num sentido lato, como “aceitação mútua”, “manter a vez de elocução”, estabelecer relações e, de um modo geral, diz respeito a todas as actividades discursivas que os participantes desenvolvem na interacção e estabelecem, no sentido lato, o *alinhamento* em relação a uma *identidade* “localmente construída” (Hutchby, 1996) ou *posição* ou *lugar* (Kerbrat-Orecchioni, 1987) na interacção e, num sentido específico, surge como o “alinhamento dos participantes em relação a um tópico específico” (Traverso, 2004: 61-62), mantendo a “ordem interaccional” da conversação.

Este trabalho de “posicionamento” constante é um princípio organizador das interacções sociais: os *lugares* dizem respeito às posições discursivas ocupadas pelos participantes na interacção. Estes últimos assumem papéis interlocutivos, interaccionais (baseados no *script*) e papéis discursivos (Kerbrat-Orecchioni, 2004: 16).

Todas estas categorias, que fazem parte do quadro participativo, são graduais, denotando diferentes graus de participação, de ratificação e de endereçar (*Idem*: 17). A este aspecto são ainda acrescentadas as constantes modificações no *alinhamento* dos participantes, resultando numa “instabilidade estrutural” (Kerbrat-Orecchioni, 2004: 17).

Estas constantes modificações dos *alinhamentos* dos participantes envolvem não só o modo como estes organizam as actividades comunicativas, mas também as *identidades situadas* (Zimmerman, 1992: 44): referimo-nos a diferentes espaços de interpretação onde mudam as inferências, os posicionamentos simbólicos, as possibilidades de intervenção de cada um, as *estratégias de envolvimento* (Tannen, 1989) que contribuem para o “fluxo de progressão temática”, retomando e reavaliando o que foi dito e tendo em conta as consequências do dizer.

### 3. A sequência de pergunta-resposta no desenvolvimento dos temas

#### 3.1. Perguntas introdutórias do tema: a abertura do desenvolvimento

Segundo Danielle André-Larochebouvry (1984), a pergunta<sup>3</sup> constitui uma estratégia de apelo à comunicação: «La question est le type de stratégie le plus direct et le moins ambigu de passage du tour de parole» (*Idem*: 143).

As interacções na rádio, em análise, revelam precisamente o papel dos locutores de rádio no controlo das trocas, denotado pela autoridade que assumem na realização de perguntas e na obrigação de os ouvintes (que telefonam) responderem às perguntas daqueles.

O locutor que realiza os actos de pergunta tem um poder que lhe advém do controlo da pergunta sobre a resposta. C. Kerbrat-Orecchioni (1991) refere que a pergunta cria uma “ambivalência taxémica”<sup>4</sup> resultante do facto de o locutor que realiza o acto de pergunta demonstrar, por um lado, um poder que lhe advém da autoridade de exigir uma resposta e, por outro, revelar a sua “ignorância” relativamente à resposta (*Idem*: 28), salientando a componente interactiva destes actos de discurso e instituindo a obrigação jurídica de responder.

Em trabalhos anteriores (Almeida, 2004; Almeida, 2005), verificámos que, como preparação para a entrada no tema, a componente cortês está fortemente presente na abertura sob a forma de rotinas, mas uma vez efectuadas estas actividades rituais e de os interlocutores terem realizado o trabalho de completar os sentidos decorrentes da sequência de actos ilocutórios – «complétude interactive» (Roulet *et al.*, 1985; Roulet, 1986: 190) –, verifica-se a entrada no tema realizada pelo(a) locutor(a) de rádio normalmente através de um acto de pergunta (cf. Thornborrow, 2001).

Nestas emissões, o locutor de rádio realiza um acto de pergunta com um conteúdo proposicional que incide na atitude volitiva de desejo ou vontade do alocutário, atitude que pressupõe que este último telefona com o desejo de escolher um tema específico:

Programa: CM

Data: 9/01/1998

Tema: Livre

Locutor: [Perg.] «Então hoje gostaria de falar de quê?»

*Desenvolvimento:*

Ouvinte: [Asserção] «Eh... qu'é qu'eu queria falar, eh olhe queria falar de duas coisas, mas muito brevemente»

Locutor: [Reconhecimento/Ratificação] «Sim.»

<sup>3</sup> Sobre o duo pergunta-resposta em entrevistas de rádio, cf. o estudo de Maria Conceição Carapinha Rodrigues (1998).

<sup>4</sup> Sobre a noção de «taxèmes», cf. a seguinte afirmação de C. Kerbrat-Orecchioni (1988): «(...) ce sont un certain nombre de faits sémiotiques pertinents, que j'appellerai des 'placèmes', ou plus noblement, des 'taxèmes', lesquels sont à considérer à la fois comme des *indicateurs* de places (i.e. des indices, ou des 'insignes' pour reprendre la terminologie de Flahault), et des *donneurs* de places (qu'ils 'allouent' au cours du développement de l'échange)» (Kerbrat-Orecchioni, 1988: 186). Cf. também a noção de “lugar interaccional” referenciada neste estudo.

Deste modo, no desenvolvimento, em emissão de tema livre, o ouvinte realiza uma asserção metadiscursiva que é uma resposta à pergunta do locutor e constitui uma pré-sequência que prepara a entrada no tema da emissão.

Com efeito, o acto de pergunta seguido de um acto de resposta realizado através de uma asserção metadiscursiva é uma sequência prototípica que permite a demarcação do momento de *desenvolvimento*, iniciando a entrada no tema da emissão.

Esta asserção metadiscursiva incide no tema da emissão e constitui um programa de acção. Não raro a locutora realiza um acto de acordo que ratifica a *planificação discursiva* (Bange; Kayser, 1987) operada pelo(a) ouvinte que telefona:

Programa: BN

Data: 16/11/98

Tema: “Autodidactas”

Ouvinte Feminino; n.º 160

Ouvinte: [Asserção metadiscursiva] «Bom mas agora vamos falar de autodidactismo.»

Locutora: [Acordo] «Vamos lá.»

Esta asserção metacomunicativa (metadiscursivização) é uma pré-sequência de preparação de uma posterior sequência de actos de discurso:

Programa: BC

Data: 4/05/98

Tema: “O último jogo Benfica-Porto”

Ouvinte n.º 289, masculino, Ermesinde

Ouvinte: [Asserção Metadiscursiva] «Eu então ia pó tema.»

### **3.2. Variações estruturais: entrada directa no tema sem a realização do acto de pergunta do locutor de rádio**

Também pode ocorrer um acto de resposta realizado através de uma asserção metadiscursiva (pré-sequência) seguida, na mesma intervenção, da entrada directa no tema da emissão, sem que o acto de pergunta do locutor de rádio se realize explicitamente, implicando a realização prototípica de pergunta-resposta características destes programas de rádio:

Programa: CM

Data: Novembro de 1998

Tema: Livre

Ouvinte n.º 266, feminino, Gouveia.

→Ouvinte: [Vocativo + Asserção Metadiscursiva] «Ó senhor A.R. eu telefono hoje pelo seguinte.»

[Começo da Narrativa] «Eh... há dias, eu não sei bem em que dia foi porque eu às vezes estou a ouvir e a dormir e assim é qu’eu consigo dormir alguma coisa.»

Esta asserção metadiscursiva, não raro, é seguida de uma asserção que constitui uma *estratégia discursiva de enquadramento* e que permite ao ouvinte que telefona inscrever o seu discurso num “falar autêntico” (“‘authentic talk’ within this mediated

context”, segundo Thornborrow, 2001) e vivido. Estas estratégias de enquadramento constituem sequências parentéticas que têm como objectivo proceder ao enquadramento dos actos de discurso, descrevendo-se a situação de comunicação em que estes actos ocorrem.

Programa: BN

Data: Novembro de 1998

Tema: “Heranças e partilhas”

Ouvinte n.º 450, feminino, Oliveira de Azeméis

→Ouvinte: [Comentário Metadiscursivo] «Então o tema hoje é com, isto nós ouvimos sempre na caminha, mas hoje o tema e não não ligo porque a gente também não pode estar sempre a ligar.»

[Asserção] «O tema hoje sempre sempre me diz um bocadinho de respeito a mim.»

Locutora: [Pedido de confirmação] «Ai é?»

Ouvinte: [Ratificação/ Confirmação] «Exacto.»

Locutora: [Perg.] «Então?»

Ouvinte: [Justificação] «Porque é bom que também nós eh... chamem eh que nos chamem que fale pra dar exemplo eh... às outras pessoas, porque eh este mundo são dois dias e nós não levamos nada do que temos aqui.»

Como estratégia de preparação do encadeamento discursivo acerca do tema em análise, os ouvintes produzem uma asserção de explicação e de justificação da necessidade de entrarem na emissão através de uma asserção metadiscursiva que constitui uma *estratégia discursiva de enquadramento* que preparam (pré-sequência) as acções discursivas seguintes. Esta explicação instancia o *topos* ou *lugar comum* de emissões com grande número de ouvintes com o desejo de entrar em antena, o que constringe o ouvinte a justificar a sua participação. Não raro, esta justificação tem como conteúdo proposicional a referência ao carácter “interessante” do tema escolhido e que permite aos participantes, que entram em linha, iniciarem uma “narrativa de experiência de vida” subordinada a este tópico.

Também ocorrem asserções cujo o conteúdo proposicional permite aos participantes enquadrarem a sua actividade discursiva com a determinação de uma identidade discursiva de “expert” na matéria em análise. Esta estratégia possibilita a *credibilização* do discurso que os ouvintes irão desenvolver:

Programa: BN

Data: 7/05/98

Tema: “Pobreza”

Ouvinte Masculino; Economista; n.º 210

→Ouvinte: [Asserção] «Sou economista e julgo que também analista político, que me preocupa muito com a situação do País...»

Locutora: [Pedido de informação] «Então conte-me e diga de sua justiça.»

### 3.2.1. Alargamento da estrutura de vezes de elocução: manutenção do “foco de atenção temática” e realização de tópicos relativos ao “small talk”

Dado o carácter *institucional* (Drew, 1985) do discurso produzido em programas de rádio, os participantes mantêm o “foco de atenção temática” (“topical focus”, segundo Heritage, 1985: 100) e desenvolvem tópicos específicos do “small talk” (cf. os estudos presentes em Coupland, 2000):

Programa: ES

Data: Novembro de 2001

Tema: Livre

Ouvinte n.º 400, masculino, Braga, Camionista

Ouvinte – Mesmo (...) mesmo este fim-de-semana durante o dia teve frio.

Locutor – Ai, e de que maneira, ih Jesus.

Ouvinte – Desde sexta-feira que qu’ a coisa arrefeceu.

Locutor – É daquelas coisas que... apetece-nos sobretudo estar em casa, não é...

Ouvinte – É verdade.

Locutor – com a mantazinha ao sofá. (Riso) Isto é conversa, já parece história de reformados, não é, isto tudo, não é?

Ouvinte – Olhe, teve teve um bom fim-de-semana prò S. Martinho, prò peçoal tar à lareira.

Locutor – Ah, pois esteve, esteve. E isso... sente-se logo até mesmo a nível de... do trânsito, sabe, porque depois o trânsito aumenta e de que maneira, porque as pessoas não têm medo do frio e... vão aproveitando o sol pra pròs passeios, não é.

Ouvinte – Exacto. Olhe e há, pelo menos à noite, falo ali por Setúbal, sente-se em tudo. Mesmo nos cafés...

Locutor – Hum, hum.

Este ouvinte camionista desenvolve, com o locutor, estratégias discursivas de “comunhão fática” (Laver, 1981), características do “small talk”: de acordo com Adam Jaworski (2000), a “comunhão fática”, entendendo esta última como uma definição alargada, diz respeito a interacções caracterizadas por contextos mais “livres” do ponto de vista das constricções interaccionais e interactivas. Este tipo de trocas apresenta uma orientação funcional que acentua os aspectos interlocutivos, isto é, objectivos relacionais positivos e um relativo baixo nível de expectativas dos participantes no que diz respeito ao grau de seriedade da conversa, dando mais valor aos aspectos relacionais do discurso do que ao valor transaccional deste último.

### 3.3. A dinâmica conversacional: estratégias discursivas locais desenvolvidas pelo locutor de rádio

Nos programas de rádio em análise ocorrem também estratégias discursivas locais, desenvolvidas pelo locutor de rádio, que permitem a gestão do “fluxo de progressão temática”.

### 3.3.1. Estratégias específicas do discurso humorístico

Não raro, o locutor de rádio realiza uma pergunta de “apelo ao consenso” (André-Larochebouvry, 1984) em tom humorístico, orientando o “rumo discursivo” (Fonseca, 1992) da interacção e criando um discurso colaborativo (“*the collaborative floor*”), consensual (Coates, 1996: 133):

Programa: BN  
Data: Maio de 1998  
Tema: “A pontualidade”  
Ouvinte n.º 70, sexo feminino, empregada de escritório  
Locutora – Tá bem.  
Ouvinte – Também.  
→Locutora – Fica nas filas de trás prò padre não ver, não é?  
Ouvinte – É, é, é.  
Locutora – Calculo.

### 3.3.2. Intervenções-réplica: a gestão da polemicidade do discurso

Nestes programas, há uma constante gestão, desenvolvida pelo locutor de rádio, da polemicidade do discurso que permite, a maioria das vezes, o remate com o consenso final:

Programa: CM  
Data: Janeiro de 1998  
Tema: Livre  
Ouvinte n.º 223, masculino, Covilhã, linha de ouvintes regulares.  
Locutor – Eu não contesto o que está a dizer, de maneira nenhuma, mas eh eh a verdade é que... já há mecanismos eh que... enfim prevêem e previnem eh que haja enfim exageros eh injustificados.

O locutor de rádio procura não pôr em risco a face positiva dos ouvintes com um acto de desacordo demasiado agressivo para as faces dos participantes, evitando o acto de refutação que visa demonstrar a falsidade de um enunciado anterior, optando por produzir uma intervenção-réplica que constitui uma rectificação.

### 3.3.3. A voz do consenso: o papel do locutor na gestão das trocas

Atentemos agora, mais especificamente, no modo como o(a) locutor(a) de rádio estabelece o controlo e/ou gestão das trocas.

No desenvolvimento, não raro a locutora faz um pedido indirecto ao ouvinte, mantendo o consenso na interacção e “o foco de atenção temática”:

Programa: BN  
Data: Maio de 1998  
Tema: “A pobreza”  
Ouvinte masculino; Economista; n.º 210  
Locutora – Agora eu não gostava é que fugíssemos muito ao tema.



### 3.3.4. Intervenções diretrizes

As intervenções diretrizes, regularmente desenvolvidas pelos locutores de rádio, têm um carácter metadiscursivo, remetendo para o modo como o tema vai ser encadeado e permitindo a organização temática e interlocutiva do discurso do ouvinte:

Programa: BN

Data: 14/10/98

Tema: “A regionalização”

Ouvinte Masculino; Porto; n.º 130

Locutora – Ó F. parece-me que pensa numa forma um bocadinho diferente, não é?»

A locutora de rádio orienta o discurso do ouvinte num sentido oposto ao do interlocutor anterior. Repare-se que o diminutivo no segmento “um bocadinho”, para assinalar uma pequena quantidade, constitui uma estratégia de delicadeza negativa para com a face positiva do ouvinte que apresenta uma opinião contrária à dos outros participantes do programa.

### 3.3.5. Intervenções de relance

As *intervenções de relance* têm também uma função metadiscursiva e permitem subdividir, aprofundar, reencontrar e especificar um tema para o relançar<sup>5</sup>.

Atentemos no seguinte exemplo que ilustra a ocorrência de uma *intervenção de relance*:

Programa: BN

Data: Abril de 1998

Tema: “A adolescência”

Ouvinte feminino, Porto; Professora; n.º 20

Ouvinte: [Confirmação da profissão] «Exacto».

[Entrada no tema] «Olhe eu eu realmente fico assim um bocadinho triste, bastante triste com enfim com esses problemas que estão a levantar de jovens, por que é que não, portanto têm solidão, não sabem como é que hão-de empregar o tempo. E e e pais também enfim que estão preocupados porque também não sabem o que é que hão-de dar aos seus filhos. Penso que é mais ou menos este o tema que está no ar.»

→Locutora: [Intervenção de relance] «Estamos a falar da adolescência e depois da adolescência é isto, a conversa é como as cerejas, cada um (...).»

Como se vê, esta *intervenção de relance* permite estabelecer a continuidade de sentido, no discurso da ouvinte, e relembra ao auditório o tema da conversa (“Estamos a falar da adolescência”), imprimindo ao discurso da ouvinte um rumo discursivo que não se desvie do tema proposto. Repare-se que a *intervenção de relance* apresenta, como

---

<sup>5</sup> Cf. a análise das cinco intervenções apresentadas por P. Charaudeau (1991) de intervenções diretrizes, intervenções de relance, intervenções-réplica, intervenções parentéticas e intervenções de continuidade.

explicação da necessidade de estabelecer uma linha condutora no discurso, a citação, adaptada ao contexto interlocutivo, do provérbio “As palavras são como as cerejas: atrás de umas vêm as outras”, que faz parte da *doxa* ou *saber comum* dos participantes.

Segundo Marie-Madeleine de Gaulmyn (1987b), a *citação* constitui uma das técnicas de textualização, ou de reformulação, que contribui para a construção do texto conversacional (*Idem*: 168).

### 3.3.6. Intervenções de continuidade

As intervenções de continuidade constituem seqüências que prolongam a ideia da última intervenção.

Observemos a seguinte intervenção de continuidade que tem o objectivo de esclarecer o auditório, constituindo uma espécie de discurso paralelo:

Programa: BN

Data: Maio de 1998

Tema: “Pontualidade”

Ouvinte n.º 71, feminino, Lisboa, trabalha na rádio

Locutora – Tá mal habituado.

Ouvinte – Estou ali, calcule estive quarenta e cinco minutos à espera, e nunca espero menos de vinte trinta minutos, não tenho essa sorte.

Locutora – Não, sorte sorte tem ele A., por ter alguém que espera por ele tanto tempo.

Ouvinte – Ó meu Deus! Sabe é qu’eu de certa forma estou dependente dele.

Locutora – Hum...

Ouvinte – A a D. sabe que pronto no meu trabalho eh... ali não há esperas.

→Locutora – Portanto a A. trabalha em Rádio. Eu sei, mas os nossos ouvintes não sabem.

Ouvinte – Exactamente. Pois. Eh... ali não há esperas, nós estamos, àquela hora temos que lá estar...

Locutora – É verdade.

Esta intervenção de continuidade prolonga o sentido da intervenção anterior e explicita os sentidos deixados implícitos pelo ouvinte, por força do “conhecimento compartilhado” existente entre dois interlocutores que se conhecem de anteriores conversas na rádio.

### 3.3.7. Comentários avaliativos

Não raro, quando os ouvintes estão a desenvolver o tema da emissão, os locutores de rádio realizam, como estratégias de *jogo mimético* (André-Larochebouvry, 1984: 163), asserções que constituem comentários avaliativos acerca do que foi dito.

Estas estratégias discursivas constituem formas de reconhecimento do outro, demonstrando que a perspectiva desenvolvida é fundamentada e tem sentido: «Les signaux du jeu mimétique marquent les rapports de séduction entre les participants» (*Idem*: 164).

Segundo J. Coates (2003), os comentários avaliativos ocorrem durante a escuta de uma história narrada por um dos interlocutores, constituindo “(...) contributions to the story, in the form of (...) significant evaluative statements” (*Idem*: 132), isto é, são segmentos reveladores da construção conjunta ou co-construção dos rumos discursivos que os participantes realizam (ainda sobre os processos de avaliação e os comentários metadiscursivos como estratégias interactivas, cf. Kotschi, 1986).

Observemos este outro exemplo que ilustra a ocorrência de uma asserção que constitui um comentário avaliativo às produções discursivas do ouvinte:

Programa: BN

Data: Maio de 1998

Tema: “A pontualidade”

Ouvinte n.º 74, motorista

Ouvinte – (Risos) Eu às vezes, em certos casos, eh... chego a horas, sou pontual, mas depois gosto de ficar assim de longe, eh... é uma coisa que me dá um certo gozo, não sei, gosto de ficar assim de longe a ver a pessoa à espera...

Locutora – Ai é?

Ouvinte – a ver se a pessoa vai embora ou não vai eh...

Locutora – Você não me diga que faz a pessoa estar à espera, estando ali no sítio?

Ouvinte – Não, muito tempo muito tempo não, mas faço-a ali estar um bocado, a andar pra trás e pra frente, e a olhar pro relógio...

→Locutora – Ai que maldade!

Na sua “narrativa de experiência de vida”, o ouvinte confessa um acto de brincadeira que costuma efectuar e a locutora realiza um acto de pergunta “Ai é?” que denota a admiração e constitui uma estratégia discursiva de solicitar ao ouvinte um esclarecimento das informações fornecidas por si. Este acto de pergunta culmina no comentário avaliativo “Ai que maldade!” que retroactivamente avalia as produções discursivas anteriores.

### **3.3.8. Estratégias de estabelecimento do acordo: a partilha do ponto de vista do outro**

Na construção de um discurso dominado pelo “jogo mimético”, claramente consensual, contribui o desenvolvimento de *estratégias discursivas* de estabelecimento de acordo que implica a partilha do ponto de vista do outro (André-Larochebouvry, 1984: 169).

Atentemos no seguinte exemplo:

Programa: BN

Data: Maio de 1998

Tema: “Segredos”

Ouvinte Masculino; Camionista; n.º 83

Ouvinte – Não, mas mas é que os segredos são mesmo para não ser divulgados (Risos).

→Locutora – Sim, sim, sim, é a melhor regra que podemos deixar aqui.

Ouvinte – É a regra mais essencial da da da humanidade é saber guardar os segredos.

→Locutora – É é uma regra de ouro para o bem-estar muitas vezes das pessoas.

Neste exemplo, ocorrem segmentos discursivos que assinalam o acordo estabelecido entre os participantes. Na primeira intervenção, assinalada com uma seta, ocorrem marcadores de acordo que denotam a aprovação do que foi dito pelo ouvinte. Perante a asserção do ouvinte que corresponde a um *lugar comum* de que “os segredos não devem ser divulgados”, a locutora realiza actos de acordo que ratificam a asserção do ouvinte e, de seguida, produz uma asserção que funciona como um comentário avaliativo e resume retroactivamente toda a sequência de actos de discurso anterior. Perante a asserção-resumo do ouvinte (“É a regra mais essencial da da da humanidade é saber guardar os segredos”), a locutora realiza uma asserção com a repetição sintáctica e semântica da asserção-resumo daquele (“É é uma regra de ouro para o bem-estar muitas vezes das pessoas”). Esta repetição manifesta o “envolvimento conversacional” dos participantes na interacção (Tannen, 1989) e constitui uma estratégia discursiva de marcação do acordo (Coates, 1996), revelando a emoção da partilha (Traverso, 2000) criando um “espaço de colaboração” (“*the collaborative floor*”, segundo Jennifer Coates, 1996: 133) entre os participantes.

A manifestação de acordo é também realizada através de sinais de aprovação que constituem “reguladores verbais” próprios da actividade do alocutário (de Gaulmyn, 1987a: 203). Estes “reguladores verbais” indiciam a ratificação das actividades discursivas e a cedência da vez de elocução (de Gaulmyn, 1987a: 204).

Os locutores de rádio contribuem para a organização das intervenções do ouvinte com a produção de reguladores discursivos, vocais e verbais:

Programa: BN

Data: 17/11/98

Tema: “Heranças e partilhas”

Ouvinte n.º 445, feminino, Rio Maior

Ouvinte – É, é essa parte.

→Locutora – Hum, hum.

Ouvinte – Não se pode deserdar os filhos...

→Locutora – Exacto.

Ouvinte – mas essa parte, não me lembro qual é o nome que eles lhe chamam, tem um nome qualquer lá das Finanças mas eu não me lembro, e essa parte, ou seja, a quota livre, é assim uma coisa...

→Locutora – Sim.

Neste excerto, a locutora de rádio realiza “reguladores vocais”, como “Hum, hum”, e “reguladores verbais”, como “Exacto” e “Sim”. Estes *reguladores* constituem fenómenos discursivos que demonstram a escuta e a compreensão das produções discursivas realizadas pela ouvinte e constituem uma forma de proceder ao encadeamento conjunto do discurso, contribuindo para a sua prossecução (de Gaulmyn, 1987a: 221).

#### 4. Conclusão

C. Kerbrat-Orecchioni (1998) refere a necessidade de os interlocutores realizarem signos que denotam a *atenção* e *interesse mútuos* nas trocas dialógicas em presença: «(...) pour qu’il y ait véritablement ‘dialogue’, il faut non seulement que l’on ait en présence l’une de l’autre deux personnes (au moins) qui parlent à tour de rôle, mais il faut en outre que ces personnes produisent *des signes d’attention et d’intérêt mutuels*, attestant du fait qu’elles sont effectivement ‘engagées’ dans l’échange communicatif» (*Idem*: 145; itálicos nossos).

Deste modo, a análise do modo como os participantes organizam interactivamente os tópicos e constroem uma imagem de si próprios no momento de *desenvolvimento*, onde *predomina a organização temática* (Traverso, 1996: 19), evidencia a natureza interactiva dos encontros (van Dijk, 1985: 4), demonstrando a pertinência do estudo da *organização das estratégias discursivas* (van Dijk, 1985; Goffman, 1974) e das trocas interactivas fundamentais (como o par estrutural de pergunta e resposta) nesta fase da interacção. Este estudo exige e fundamenta o estudo das intervenções e do *lugar* que ocupam na *sintagmática conversacional* (Kerbrat-Orecchioni, 1998: 196), atendendo agora às intervenções de *lugar livre* por oposição às intervenções relativas à abertura e ao fecho das interacções que se apresentam num *lugar privilegiado* (*Idem*), como os cumprimentos e os elogios na abertura e as saudações de despedida no fecho (Almeida, 2004, 2005). No *desenvolvimento* ocorrem práticas discursivas específicas do discurso institucional de emissões de rádio: a sequência prototípica constituída pelo *duo pergunta-resposta*; as variações estruturais que permitem ao ouvinte realizar a entrada directa no tema (com ou sem asserção metadiscursiva) e desenvolver estratégias discursivas de “envolvimento conversacional”. Constituem “estratégias de envolvimento”, realizadas pelo ouvinte, as estratégias de enquadramento, as estratégias de credibilização do discurso com a construção de uma identidade discursiva de “expert” na matéria em análise e a selecção de tópicos relativos ao “small talk”; da parte do locutor, há a construção de um discurso humorístico, a gestão do “fluxo de progressão temática” através de intervenções directrizes, de relance e de continuidade e a produção de comentários avaliativos no sentido de criação do consenso e/ou partilha do ponto de vista dos participantes da interacção.

Trata-se, assim, de atender à análise das trocas rituais que permitem o *desenvolvimento sintagmático* (Kerbrat-Orecchioni, 1998: 196) e explicitar o seu encadeamento, que pode funcionar a nível explícito ou implícito (*Idem*: 209).

#### Referências

- Almeida, Carla Aurélio de (2004) ‘Eh pá, pere aí, mas pere aí um pouco...’: a dinâmica das trocas interlocutivas em interacções verbais na rádio. In Oliveira, Fátima; Duarte, Isabel Margarida (orgs.), *Da língua e do discurso*. Porto: Campo das Letras, pp. 157-193.
- (2005) *Discurso radiofónico português: padrões de organização sequencial, actos e estratégias de discurso, relações interactivas e interlocutivas*, Dissertação de

- Doutoramento em Linguística, especialidade Linguística Portuguesa, Universidade Aberta.
- André-Larochebouvy, Danielle (1984) *La Conversation quotidienne*. Paris: Didier.
- Bange, Pierre (1989) Constitution of relationships as a factor in interactive coherence. In Heydrich, Wolfgang; Neubauer, Fritz; Petöfi, János; Sözer, Emel (eds.), *Conexity and coherence*. Berlin/ New York: Walter de Gruyter, pp. 305-323.
- Charaudeau, Patrick (1991) "Introduction: contrats de communication et ritualisations des débats télévisés". In Brunetière, V. et al., *La télévision. Les débats culturels 'apostrophes'*. Paris: Didier Érudition, pp. 11-35.
- Coates, J. (1996) *Women talk. Conversation between women friends*. Cornwall: Blackwell.
- (2003) *Men talk*, Cornwall, Blackwell.
- Coupland, Justine (ed.) (2000) *Small talk*. London: Longman.
- van Dijk, T. A. (1985) Introduction: dialogue as discourse and interaction. In van Dijk, Teun (ed.), *Handbook of discourse analysis: discourse and dialogue*, vol. 3. London: Academic Press, pp. 1-11.
- (1990) Cognitive situations: models in discourse production. In Cohen, P.; Morgan, Cohen, Philip R.; Morgan, Jerry; Pollack, Martha E. (eds.) *Intentions in communication*. Cambridge/ London: Bradford, pp. 70-78.
- Fonseca, Joaquim (1992) *Linguística e texto / discurso – teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: Ministério da Educação / Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- (1994) *Pragmática linguística. Introdução, teoria e descrição do Português*. Porto: Porto Editora.
- de Gaulmyn, Marie-Madeleine (1987a) Les régulateurs verbaux: le contrôle des récepteurs. In Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (eds.), Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (ed.) *Décrire la conversation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 203-223.
- (1987b) Reformulations et planification métadiscursives. In Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (ed.) *Décrire la conversation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 167-198.
- Goffman, E. (1981) *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. (1987) *Façons de parler*. Paris: Minuit.
- Goffman, Erving (1974) *Les Rites d'interaction*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Gumperz, John (1982) *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1989) *Sociolinguistique interactionnelle. Une approche interprétative*, La Réunion: L'Harmattan.
- Heritage, John (1985) Analyzing news interviews: aspects of the production of talk for an overhearing audience. In van Dijk, T.A. (ed.), *Handbook of discourse analysis: discourse and dialogue*, vol. 3. London: Academic Press, pp. 95-117.
- Hutchby, Ian (1996) Power in discourse: the case of arguments on a British talk radio show. *Discourse & Society*, vol. 7, 4, pp. 481-497.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1987) La mise en places. In Cosnier, J.; Kerbrat-Orecchioni, C. (eds), *Décrire la conversation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 319-352.

- (1988) La notion de 'place' interactionnelle ou les taxèmes qu'est que c'est que ça? In Cosnier, J.; Gelas, Nadine; Kerbrat-Orecchioni, C. (ed.), *Échanges sur la conversation*. Paris: CNRS, pp. 185-198.
- (1991) Introduction. In Kerbrat-Orecchioni, C. (ed.), *La question*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 5-37.
- (1998) *Les interactions verbales*, I, Paris, Armand Colin, 3<sup>ème</sup> édition.
- (2004) Introducing polylogue. In *Journal of pragmatics*, vol. 36, 1, pp. 1-24.
- Kotschi, T. (1986) Procédés d'évaluation et de commentaire métadiscursifs comme stratégies interactives. In *Cahiers de linguistique française*, 7, pp. 207-230.
- Laver, J. (1981) "Linguistic routines and politeness in greeting and parting" in F. Coulmas (ed.), *Conversational Routine. Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*. The Hague: Mouton, pp. 289-304.
- Rodrigues, Conceição Carapinha (1998) A sequência discursiva *pergunta-resposta*. In Fonseca, Joaquim (org.) *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*, Tomo II. Porto: Porto Editora, pp. 11-220.
- Tannen, Deborah (1989) *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (2001) The relativity of linguistic strategies: rethinking power and solidarity in gender and dominance. In M. Wetherell et al. (eds.) *Discourse Theory and Practice. A reader*. London: Sage, pp. 150-166.
- Thornborrow, Joanna (2001) Authenticating talk: building public identities in audience participation broadcasting. In *Discourse studies*, vol. 3, 4, pp. 459-479.
- Traverso, Véronique (1996) *La conversation familière. Analyse pragmatique des interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- (2000) Les émotions dans la confidence. In Plantin, C. et al. (orgs.), *Les émotions dans les interactions*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 205-221.
- (2004) Interlocutive 'crowding' and 'splitting' in polylogues: the case of a researchers' meeting. In *Journal of pragmatics*, vol. 36, 1, pp. 53-74.